ILHA Virtual pontocom

Informativo sobre as letras e a cultura do Maranhão

Editor: José Neres | **Número 35** | São Luís, dezembro de 2019.

Nesta edição

A poesia de Adriana Gama

Os Tambores de São Luís pelo olhar de Marcos Fábio Belo Matos

Os contos de Lindevania Martins

Galeria de fotos sobre a literatura maranhense

EDITORIAL

2019 termina com boas e más recordações para ao mundo das artes. Perdemos pessoas talentosas, mas também tivemos a oportunidade de ver bons espetáculos, ler livros de grande qualidade, ouvir músicas agradáveis, participar de lançamentos e ver muitos escritores sendo lidos e reconhecidos não apenas nas nossas terras, mas também fora dela.

Desde 2011, o *Ilhavirtualpontocom* vem fazendo o possível para valorizar as artes maranhenses. Já estamos no 35º número e estamos prestes a completar uma década em atividade, o que não é fácil para um informativo que tem como único foco o mundo das artes, principalmente a literatura.

Neste último número de 2019, trazemos um breve estudo sobre o novo livro de de Adriana Gama, um texto sobre a prosa de Lindevania Martins, uma justa homenagem ao professor e escritor Joaquim de Oliveira Gomes, uma leitura de *Os Tambores de São Luís* feita pelo jornalista e escritor Marcos Fábio de Belo Matos e uma resenha escrita pela professora Alina Silva Sousa de Miranda, além de uma galeria de fotos de alguns momentos das atividades literárias maranhenses.

Em 2020, continuaremos nossa missão e, com ajuda de todos vocês, teremos muitos textos para ler e comentar.

Feliz 2020!!!

TRaNSiTo, novo livro de Adriana Gama de Araújo

Muitas pessoas pensam que escrever um poema é uma tarefa fácil. A princípio, bastaria escolher as palavras com base em algum critério, como sonoridade, ritmo, temática abordada, etc, etc, etc, separar as ideias em linhas que se completem (ou não) e, talvez, descrever, contar uma história ou relacionar fatos e feitos de modo obscuro... Mas sabemos que não é bem assim! É preciso ter também muita sensibilidade. É preciso lutar com as palavras. É preciso buscar as melhores soluções para conflitos verbais que parecem perdidos. É preciso ler os grandes autores e deles retirar a seiva essencial a partir da qual iremos erigir novas construções. Em suma, escrever poemas não é algo fácil. É algo que demanda tempo, paciência, conhecimento e sabedoria, além de talento.

Ao ler TRaNSiTo, da jovem e talentosa escritora Adriana Gama de Araújo, é possível notar, como pode ser percebido em outros textos seus disponíveis na internet, que sua escrita transita entre o transe de um mergulho para dentro de si e um salto da periferia para o centro dos Outros, sem perder o foco na relação existente entre as partes que conformam um todo, ou seja, em sua poesia, a autora está atenta a todos os entornos que compõem os cenários íntimos, sociais e psicológicos que se bifurcam em versos carregados de imagens e repletos de boas metáforas.

Outra boa qualidade dos textos de Adriana Gama é que ela não tenta ocultar as fontes nas qual bebeu para a formação do próprio estro. Deste modo, ao passear pelos versos de *TRaNSiTo*, o leitor encontrará vestígios de Drummond, Bandeira, Pessoa, Hilst, Quintana e Leminski entre tantos outros geniais escritores que sedimentaram nossas letras com a beleza de seus poemas. Então, é possível dizer que ela, como escritora pelo menos, nunca está mal acompanhada, está sempre ao lado de luminares de nossas letras.

Mas somente isso não bastaria. Muitas pessoas gostam de poesia. Inúmera são leitoras assíduas dos grandes autores. Mas isso nem sempre se traduz na produção de novos bons textos. A leitura, embora seja o alimento de toda a produção intelectual humana, nem sempre produz os efeitos esperados. Mas somente quem sabe dialogar com os gênios da escrita é capaz de, em um dístico, com o auxílio de um bom título, traduzir em palavras toda uma imagem poética como ocorre em:

para pintar um amor impossível

uma pá de cal
não é suficiente.

Adriana Gama tem grande facilidade em sintetizar ideias e pensamentos em versos simples e sintéticos, sem grande giros sintáticos e retirando de cada palavra o máximo que ela pode representar naquele exato momento em que o eu lírico se despe diante dos olhos ávidos de quem busca conhecer suas intimidades a partir das palavras emanadas em momento de transe e êxtase. A cada página o leitor envolve-se com a riqueza das metáforas e com a sutileza de abordagens que vão do intimismo ao social, sem perder a elegância e a fluidez na busca das palavras adequadas para cada situação arrolada. Essa escritora tem consciência de que:

ainda que a boca
esteja fechada
o deserto floresce

De alguma forma, cada texto se abre em palavras para um outro que às vezes equivale a um Eu e em outros momentos se aproxima e um Tu/Você que reflete sobre uma confluência de nós que podem ser, ao mesmo tempo, substantivo ou pronome (plural de eu ou de nó). Isso parece estranho à primeira vista para quem tem pouco contato com as obras poéticas da modernidade, mas dá uma grande profundidade estética e existencial para quem busca algo mais do que um alinhar de palavras em uma página em branco ou em uma tela de computador. Em cada um dos poemas do livro há um florescer de metáforas que se completam e se multiplicam de forma labiríntica enquanto o eu-lírico transita por mares já dantes navegados, mas nem sempre devidamente explorados.

Mesmo caindo em alguns momentos na tentação da metalinguagem, a escritora conseguiu fugir da mesmice e construiu imagens de extremo bom gosto que oscilam em uma suprarrealidade e o desejo de exteriorizar angústias, vitórias e tantos outros sentimentos nos movem e nos incomodam ao mesmo tempo, como é o caso do poema abaixo:

zéfiro

o mestre da cidade vizinha
atirou um poema na minha testa
ganhei uma rachadura a céu aberto
nela cresceram oito elefantes
um a cada ano
às vezes incomoda o tamanho
de resto
cuido dessa ferida como quem ama
eles têm dificuldade em se acomodar
passam o dia cutucando meu córtex
eu respiro fundo e assobio
enquanto decoro minha varanda
com jacintos.

Adriana Gama é o tipo de escritora que veio para ficar e deixar suas contribuições para a história de nossa literatura. Ela, assim como quase todos os escritores, segue por uma vereda repleta de desafios, mas está bem acompanhada pelos mestres do passado e do presente, aos quais, visivelmente, é bastante grata.

(Imagem retirada da internet: https://catalogodeindisciplinas.files.wordpress.com/2019/10/adriana-gama-de-araujo-foto-livro-2.jpeg?w=584)

JOSÉ NERES, professor, escritor e membro da Academia Maranhense de Letras e da Sobrames

Expediente

Ilhavirtualpontocom é uma publicação independente que tem como objetivo divulgar a cultura maranhense

Editoração eletrônica: José Neres / Gabriel Barros Neres
Revisão Final: Gabriel Barros Neres
Textos desta edição:
Alina Silva Sousa de Miranda
José Neres
Linda Barros
Marcos Fábio Belo Matos

JOSUÉ, OS TAMBORES E A UFMA

Marcos Fábio Belo Matos

No dia 24 de dezembro de 2019, completaram-se 35 anos que Josué Montello pôs um ponto final naquela que seria considerada sua grande obra: Os Tambores de São Luís. É ele mesmo quem explica, no quase posfácio do livro: "A 24 de dezembro de 1974, cheguei ao fim do romance. E ainda estava dando ordem à mesa quando de novo o telefone me chamou. Desta vez, era Genolino Amado, que me desejava um bom Natal. Falei-lhe do romance. E nisso ouço dentro da sala um ruído estridente. Imaginei que viesse do aparelho de ar refrigerado, e desliguei-o. O ruído continuou. Olhei em redor, atarantado. Seria o rádio? Desliguei-o também. E sempre o ruído, com uma estridência crescente. Foi então que descobri, no mármore da janela levemente entreaberta, entre dois livros, uma cigarra aflita, caída de costas. Segurei-a com a ponta dos dedos, e soltei-a no ar, para os lados da Avenida Atlântica. Ela fendeu o espaço, com um leve traço escuro, e foi pousar na platibanda do edifício fronteiro, onde outra vez desatou a alegria de seu canto festivo, na tarde inundada de sol."

Josué continua a explicar o livro e seu contexto, e usa a cigarra para dizer que, ao menos ela, aplaudiu, no seu barulho característico, o nascimento do livro. Era uma mesura. Ele mesmo sabia – ou imaginava – que tinha construído uma grande obra. Na verdade, uma monumental narrativa sobre a trajetória dos negros no Maranhão e suas relações sociais, econômicas, sincréticas, sentimentais e seu protagonismo no processo de libertação.

Antes de Os Tambores, eu já tinha tido contato com Josué pela leitura de dois livros: O Baile da Despedida e Largo do Desterro – este eu comprei em Porto, Portugal, em um sebo, a 3 euros o quilo do livro. E, nos dois livros, fiquei com a mesma impressão de estar diante de um grande fazedor de cenários, de um autor detalhista, de um narrador que não deixa pontas soltas.

Essas características se mostram mais explícitas em Os Tambores de São Luís. A construção dos cenários em que Damião se desenvolve é muito perfeita – por exemplo: a cena em que ele está preso, num cubículo, tendo que beber água da chuva transformada em lama, recebendo a comida por um buraco, enquanto espera a sessão de açoites. Não há como lê-la e não imaginar, em detalhes clarividentes, aquilo. A amarração do enredo é muito bem-feita (não darei spoiler, claro. Só digo que o leitor terá uma grata surpresa, ao final).

Por último, a UFMA. O autor também conta, nesse posfácio, que, antes de iniciar o romance, que já estava planejado, recebeu o convite do MEC para ser reitor da UFMA, o que lhe causou uma certa insegurança. Diz ele: "Fora de minha sala, como escreveria eu o meu romance? Por outro lado, dizia-me a experiência que romance interrompido é romance perdido. E como eu teria de ir e vir, entre São Luís e o Rio, todos os meses, por força de minhas obrigações como membro do Conselho Federal de Cultura, decidi ensaiar uma experiência nova: continuar escrevendo o romance, ora em terra, ora a bordo do avião. Assim fiz. Meses e meses andei com o romance na pasta, e dali o tirava para continuar a escrevê-lo, sempre que despontava à minha frente tempo disponível."

Josué deixou seu legado na reitoria. Sua passagem está registrada em atos oficiais e em algumas placas, pelas paredes da UFMA. Mas, principalmente, deixou seu legado na literatura maranhense e brasileira. Os Tambores de São Luís é, de fato, uma obra seminal da nossa literatura. Tão seminal quanto Dom Casmurro. Tão seminal quanto o Grande Sertão. Tão seminal quanto Vidas Secas. É uma obra para quem não tem medo de encarar uma narrativa grandiosa, cheia de idas e vindas, cheia de personagens fortes (Damião, Barão, Benigna, Santinha), repleta de fatos e personagens históricos. Uma narrativa de dor, sofrimento e vitória. Uma história do Maranhão revisitada pelo olhar e pelas chagas de quem, de fato, a construiu.

Uma obra que se passa em uma noite e se imortaliza no tempo.

(PS.: A quem interessar, Os Tambores de São Luís foram reeditados, em dois volumes, numa edição primorosa, este ano, pela Casa de Cultura Josué Montello. Você pode encontrá-la na livraria da Amei, a Associação Maranhense de Escritores Independentes. Recomendo a compra, a visita à Amei e a leitura).

Marcos Fábio Belo Matos – jornalista e professor do Curso de Jornalismo da Ufma
marcosfmatos@gmail.com

Poesia PoEsIa POeSIA pOEsiA poESia PoeSIA

A CHEGADA
(Linda Barros)

E foi-se o ano passado,
passado para trás por um ano
que acabou de nascer
sem pedir licença a ninguém.
Veio com a força do vento
com muitos pedidos embalados
na cauda da esperança.
E eis que outro ano chega,
assim, também sem pedir licença.

tenho apenas o
instante
lampejo de eternidade
o tempo inteiro
sou imortal

instante
que atravessa horas dias anos
intenso sopro em que sou
aqui estou em tuas mãos
luminoso escuro
seda e lâmina
leve/denso pousa no meu tempo

instante
chama de vela ao vento
sol que queima incandescente
em mim todo incêndio
aqui estou sob luzes
com essa cor brilhante
escreve caminhos que levam tempo

(Silvana Lourenç de Menezes)

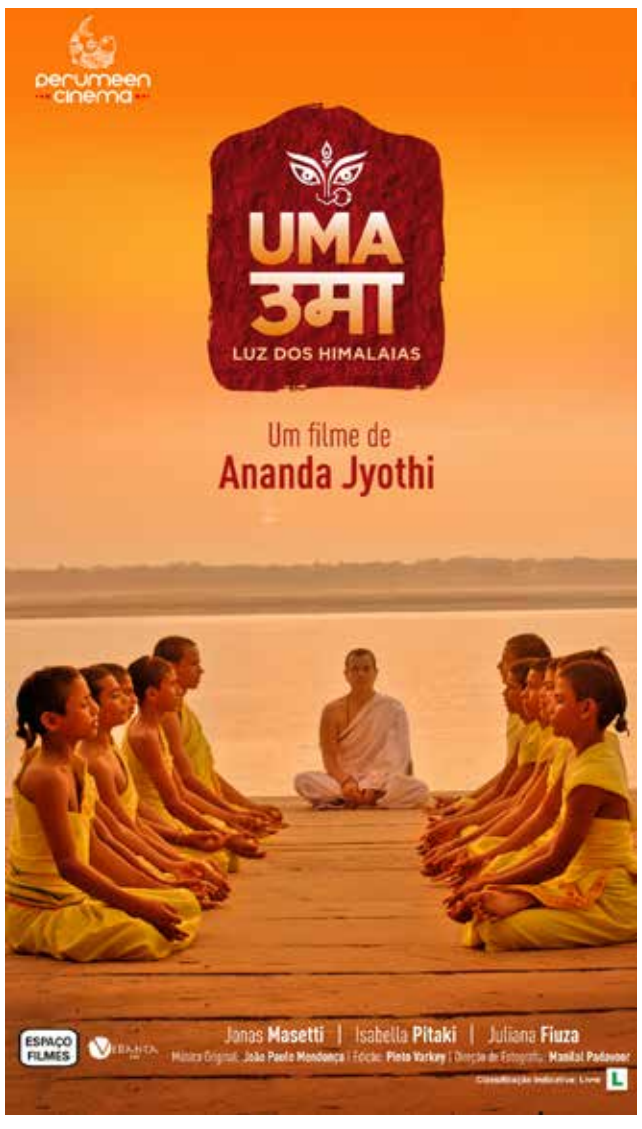
Existência I
(Morano Portella)

Punhais translúcidos
os dias os ventos...

Nuas nuas
as mãos
- e o tempo escorrendo
sua água sempre
nas pálpebras da vida

उमा UMA, LUZ DOS HIMALAIAS

Amante da atividade de ir ao cinema, fui assistir उमा UM A, Luz dos Himalaias, filme que estreou em algumas capitais brasileiras dia 21 de novembro de 2019. O filme é o resultado do trabalho de Jyothi Ananda e equipe, produzido com a parceria entre o Instituto Vishva Vidya, do Brasil e a Perumenn Films, da Índia. Propõe um olhar artístico sobre a cultura ancestral indiana, em particular sua relação milenar com o fluxo de conhecimento espiritual que se materializa no Rio Ganges, sagrado por essa simbologia, cujas margens são palco de uma experiência espiritual inigualável que atrai milhares de pessoas indianas e não-indianas para prestar-lhe homenagens e pedir suas bênçãos. A primeira cena do filme é essa: o rio, a força de sua correnteza, a intensidade do som das águas que correm ininterruptamente, desviando dos obstáculos com a firmeza que só a correnteza pode oferecer à água. É a metáfora perfeita não só para a tradição de conhecimento repassado até hoje oralmente entre professores e alunos, chamada de sampradāya; mas para a própria busca da vida humana: firmar-se e fluir enquanto desvia de tudo que aparece à frente, seja material, seja mentalmente, pois, segundo a tradição indiana, os obstáculos para nosso crescimento e felicidade iniciam justamente na realidade interior, na opinião que temos de nós mesmos. É um processo já naturalizado: todos nós empreendemos ao longo da vida uma série de esforços para garantir nossa sobrevivência – o que é totalmente necessário, obviamente – e se possível conquistar o sucesso, que é sempre definido pela sociedade da qual fazemos parte, seja ela qual for. Isso significa que este é um processo marcado pela exteriorização: é na realidade exterior que encontramos as regras de 'como é a vida', 'como devemos viver e agir'. Inevitavelmente isso gera um sentimento de inadequação, afinal, quem se encaixa perfeitamente em qualquer modelo? Passamos, então, a viver e a lidar com o mundo com a sensação de que precisamos de conserto: consertar nossas emoções, nossos pensamentos, nossas ações. E nesse movimento, que é chamado de samsāra – andar em círculos, tentando resolver os problemas e ser feliz nesse acordo com o externo a nós – a tendência é irmos assumindo papéis que soterram, sem que percebamos, a pessoa fundamental e livre que somos. Esquecemos a metáfora inicial do Rio Ganges, com a qual o filme se inicia: é preciso fluir como a correnteza, não linearmente, não sem desviar dos obstáculos, mas firmes porque sustentados pelo conhecimento de nossa verdadeira natureza imutável e plena.



O Rio Ganges é chamado de Mãe Ganga e é visto como uma divindade, por pelo menos dois motivos que o filme ajuda a lembrar: 1) porque a forma-rio representa a correnteza, que é a tradição de conhecimento, de professores, desse ensinamento chamado de Vedānta; sozinho ninguém desfaz essa confusão entre realidade exterior e interior. Assim, ir à Índia, mergulhar no Ganges é um gesto de quem está em busca do desejo de compreender e livrar-se do sofrimento de não viver livre, que significa livre para expressar a sua grandeza, sua idiossincrasia. O conhecimento, que é a própria atitude de ioga, não é um processo de transformação, mas um processo de encontro com essa força interna para sustentar a expressão que nos é própria e fluir com o mundo, com a sociedade da qual fazemos parte. Aqui importa ressaltar que essa aprendizagem não nos torna hindus, nos torna seres humanos, a cultura "indiana" extrapola a cultura indiana. A espiritualidade é universal e não à toa a Índia e o Ganges são visitados até hoje; 2) porque a forma-água/rio, guarda a preciosa visão que ajuda a esclarecer a lógica falsa que garante o sofrimento humano: somos pequenos, inferiores, nos falta algo quando nos vemos na projeção de um Deus onipotente, onipresente e perfeito. O problema fundamental do ser humano é reconhecer a felicidade que ele já é, que não está fora dele. Esse é um problema, segundo a tradição de conhecimento de Vedānta, cognitivo: a felicidade é o reconhecimento da identidade entre a individualidade e a totalidade, apesar da individuação. Que é o rio senão água? Água não é rio, mas rio é água. É algo muito profundo que exige a tradição de professores para desdobrar cada camada desse raciocínio no nível ontológico e empírico.

Se o leitor estiver com a pergunta 'qual a relação disso com o filme?'. Respondo. Ele tem a qualidade de trabalhar todas essas camadas em uma linguagem cinematográfica extraordinária. As personagens são reais, o enredo costura a experiência delas quando despertam para o problema fundamental humano – quem sou eu? Como me adequar ao mundo exterior quando meu mundo interior vive a falta? O que é a felicidade? – e buscam a sabedoria ancestral da Índia em todas as suas nuances para contemplar essas respostas que nascem quando o sucesso material (confundido em nossa sociedade como felicidade) é alcançado e a felicidade, a vida livre, não o acompanha. Apesar de todos os estereótipos que se construíram em relação aos buscadores espirituais, o filme destaca algo definitivo para a tradição de conhecimento: a espiritualidade não é uma fuga do mundo, não resolveremos nossos conflitos internos sem as pessoas e a relação com os objetos, com a vida mesma; a espiritualidade é, principalmente, o desejo de viver no mundo de forma livre. O reconhecimento dessa liberdade, que é o conhecimento, está indicado em várias cenas. No fundo, o filme convida o expectador a imergir nas águas desse conhecimento pela particularidade da vida de todas as personagens: na vida do Jonas, carioca, engenheiro mecânico pelo IME, cuja busca o levou a morar quatro anos no āśrama na Índia com seu professor, o reconhecido Swami Dayananda e cuja experiência de estudo o tornou hoje um exímio professor da tradição de conhecimento no Brasil; na vida da Juliana, advogada piauiense, cuja busca também a levou para a Índia, permitindo que toda sua natureza artística pudesse ser expressa na dança e na própria tela do cinema; na cena com a protagonista Isabela, médica, que em frente ao Ganges, com a busca pulsando em seu coração, através do olhar de uma indiana, se reconhece como Uma: Uma, deusa Parvati; Uma, unidade: Uma individualidade.

Nessa escrita sobre o filme, eu poderia valorizá-lo pela parceria entre dois países, que é inédita. Pelo esforço do Jyothi Ananda e do Instituto Visha Vidya de divulgar a cultura indiana tradicional no Brasil e cujo trabalho é reconhecido pela própria tradição indiana de conhecimento. Poderia valorizá-lo pelo êxito de conseguir furar o bloqueio do circuito de filmes que chegam ao cinema e por ter provado, já que quase todas as sessões esgotaram, que o público tem interesse nesse tipo de arte no cinema. Mas o que me move a escrever sobre a película é uma experiência pessoal com o cinema, ressignificada nessa estreia recentemente: acostumada a ir ao cinema, gosto de ver filme comendo pipoca. Depois de dez minutos do filme, pela primeira vez, não fazia sentido nenhum comer pipoca e desfrutar do enredo. Se o hábito é ir ao cinema como entretenimento, como algo para se esquecer, para suspender a visão de inadequação que nos corrói, nos distrai de todas as cobranças e da vida estressada que levamos, o filme, com sua delicadeza e poesia, desempenha um papel que anda esquecido pela arte: o de despertar, de tocar internamente, de direcionar o olhar para dentro enquanto se está mirando a tela do lado de fora. O relaxamento que o filme provoca não é o esquecimento de nós mesmos, a pausa nas nossas angústias enquanto somos levados pela narrativa dramática, cômica, irônica, romântica, etc., dos filmes comuns. O relaxamento vem porque repousamos em nós mesmos, o filme evidencia, nas personagens, nossos próprios conflitos mais internos, muitas vezes adormecidos. उमा UMA, Luz nos Himalaias, ilumina a chama que há dentro de todos nós, e que todos precisam reacender, para aprender a viver com liberdade.

Alina Silva Sousa de Miranda
Prof. Adjunta da Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Em São Luís, bem no começo deste nosso século XXI, tão veloz e tumultuado, um dos pontos de encontro de intelectuais e admiradores das artes em geral era a Livraria e Café Albatroz (espero não haver errado o nome!), gerenciada pelo cineasta Frederico Machado. Era um local aconchegante, relativamente bem situado e que se tornou uma referência na busca de livros de qualidade e de troca de experiências culturais. Ainda por cima, no local era possível encontrar personalidades como Nauro Machado e Arlete Nogueira da Cruz, escritores de grande qualidade e pais do responsável pelo empreendimento. Por ali também circulavam outros artistas, como José Chagas, Lourival Serejo, Luís Augusto Cassas, Laura Amélia Damous e Benedito Buzar entre outros.

Relembro isso por um simples motivo: foi na Albatroz, que em junho de 2004, conheci uma escritora da qual ainda não havia ouvido falar. Ela conquistara o primeiro lugar em contos (Prêmio Odylo Costa, filho) por dois anos consecutivos no Concurso Cidade de São Luís e, naquele começo de mês estreava no mundo das publicações em livro. Fui ao lançamento, como sempre costumo fazer, comprei o livro, fiquei na grande fila de autógrafos e ali mesmo comecei a ler os textos. Logo de cara gostei do estilo. Assim como já haviam feito José Louzeiro, Rubem Fonseca, Patrícia Melo, Paulo Lins e outros tantos escritores de talento, a jovem maranhense também trazia para as páginas de um livro o mundo-cão que tanto atordoa a população, mas que também pode servir para mostrar trilhas alternativas dentro de caminhos às vezes tão sórdidos.

Gostei tanto dos textos da autora que trabalhei alguns em sala de aula em curso de graduação e pós-graduação, principalmente o conto intitulado *O Motorista*, escrito em uma prosa seca, árida, violenta e perturbadora, mas também carregada de sutilezas e de um lirismo que fazia contraponto com o cerne da narrativa.

Como sempre acontece, nossos autores, logo depois da noite de autógrafos, costumam cair no esquecimento. Seus livros não são comentados, seus trabalhos não são esmiuçados e o silêncio costuma ser a contribuição dada pelos leitores e pela mídia em geral. Então vez ou outra eu me perguntava sobre os caminhos literários pelos quais havia seguido aquela talentosa prosadora. Citei-a de relance em um ou dois artigos publicados em jornais e continuei analisando seus textos em cursos e aulas. Sempre com boa aceitação.

Lindevania Martins e sua Zona de Desconforto

José Neres

Recentemente, na segunda metade de 2018, porém, minhas dúvidas foram sanadas: finalmente recebi notícias sobre a prosadora, defensora pública e agora também blogueira cultural Lindevania Martins. Além disso, ainda tive o prazer de manter contatos mais próximos com ela em encontros com escritores promovidos por pensadores e ativistas literários dos quais perticipam intelectuais do porte de Antônio Ailton, Natan Campos, Franck Santos, Bioque Mesito, Adriana Gama, Linda Barros, Sandro Fortes, Carvalho Junior, Geane Fiddan, Hagamenon de Jesus, Carvalho Júnior, Walquiria Marinho, professor Tarcísio e tantas outras pessoas que fazem das letras um passaporte para momentos de pura felicidade. Também tive o prazer de assistir à conversa/entrevista que a autora teve/concedeu à também talentosa escritora e jornalista Talita Guimarães durante a Feira do Livro de São Luís do Maranhão.

No meio de tantos contatos e informações cruzadas, fiquei sabendo do lançamento de seu novo livro de contos, com o título de *Zona de Desconforto* (São Paulo, Editora Benfazeja, 2018, 124 páginas). Por questões profissionais, não pude ir aos lançamentos da obra e quando tentei adquirir um exemplar, fui informado de que o livro estava esgotado. Contudo, graças à gentileza da autora, acabei conseguindo ler o livro.

Trata-se de um trabalho bem elaborado no qual é possível perceber que a escrito burilou bastante seu estilo e sua forma de narrar, conseguindo ótimos resultados ao longo dos oito contos quem compõem o volume. Mas os contos podem ser vistos também, metaforicamente, como oito socos na sociedade. Uma sequência de jabs, diretos, Uppercuts e cruzados que atingem diversos pontos desse carcomido, mas sempre renovável corpo social do qual todos nós fazemos parte.

Desde *Anônimos: Invenções de Amor, Morte e Quase Morte* (São Luís, FUNC, 2003, 138 páginas), seu livro de estreia, Lindevania Martins já demonstrava grande talento para pinçar flashes do cotidiano bárbaro em que vivemos e transformar breves episódios em contos de grande densidade narrativa com apelos tanto social quanto psicológico na construção de suas personagens. Essas características, porém, atingiram um grau maior de maturidade em *Zona de Desconforto*, com enredo mais elaborados e com narradores

que não têm tanta pressa em chegar ao desfecho de suas narrativas. Podemos dizer que Lindevania conseguiu uma forma, mesmo sem inovações vocabulares, técnicas e/ou temáticas, de aproximar o leitor de suas personagens e fazê-las materializar-se no centro da página e dialogar tanto com a ficção quanto com a realidade circundante.

Logo no primeiro conto, homônimo ao título do livro, a narradora envolve o leitor com sua história de vida e mostra algo que é tão comum no dia a dia das pessoas que nem mesmo causa mais espanto. As denúncias feitas ao longo do conto contra a exploração do ser humano, contra o racismo e contra uma das formas de escravidão da modernidade levam o leitor a refletir sobre suas próprias práticas e a observar que em alguns momentos nós podemos estar no papel de vítima e logo a seguir podemos identificar-nos com os algozes. A personagem, cujo nome nos é desconhecido até a última linha do conto, é tipificada e representa toda uma classe de meninas exploradas em prol de um relativo status de poder dentro das esferas sociais.

Aliás, esta busca constante de um lugar à sombra – não importando o que será feito para tal objetivo ser atingido – é uma das forças motrizes do livro *Zona de Desconforto*. As personagens são angustiadas e angustiantes, tentam construir para si e para os demais uma carapaça de força, quando, na verdade, estão imersas em um poço sem fundo de fraquezas que nem sempre se traduzem em franquezas. Em contos como *Tudo Vermelho* e *O Número Perfeito*, os conflitos humanos são testados até o limite de cada ser, com desfechos que, se não são inesperados, pois algumas dicas são deixadas ao longo das narrativas, podem pelo menos ser considerados soluções adequadas e bem elaboradas para cada uma das tramas, nas quais os variados tipos de violência são experimentados por pessoas que não conheciam as próprias forças e/ou fraquezas até se depararem com as situações em que são envolvidas.

Os dilemas humanos são explorados em todos os contos. A diferença está em saber qual dos dilemas irá aparecer primeiro, como acorre no último conto do livro – *O Flagrante* – que oscila entre o drama rodrigueano e as peripécias picarescas. Novamente o triângulo amoroso é explorado pela autora que utiliza esses casos com parcimônia, mas que em alguns momentos se torna o centro das atenções das personagens de algumas de suas narrativas.

As fraturas relacionais, sociais e familiares ditam o ritmo dos contos de *Zona de Desconforto*. Embora esse título seja referente a uma das narrativas, fica evidenciado que todas as personagens transitam em torno de situações desconfortáveis: uma menina longe de sua família, sendo explorada em casa alheia... um marido que encontra a esposa na cama com outro... um casal de irmão reféns de bandidos... uma estudante obrigada a escrever um texto sobre alguém de sua família... uma jovem que entrega mecanicamente o corpo... alguém que encontra como ponto de fuga para sua própria existência a busca infrene de prazeres carnais... um homem quase sem memória que busca seu passado em uma foto... todos estão descontentes com a própria existência e estão a um passo de seus próprios deslimites. Ninguém compartilha com os demais um espaço confortável. Pelo contrário, todos se espremem dentro de possibilidades ditadas por normas sociais que podem e devem ser quebradas ao longo das narrativas.

Em *Zona de Desconforto*, assim como em seu primeiro livro, a escritora Lindevania Martins consegue "prender" o leitor em uma teia de eventos até certo ponto labirínticos, os oito contos que compõem o livro podem ser lidos em qualquer sequência e mesclam dramas, denúncias sociais, violências em suas diversas matizes e alguns toques sutis de humor. Suas personagens, embora tenham nome, continuam como seres anônimos diante de um caos social que se deslinda em cada página. São seres que, assim como em seu primeiro livro, vivem divididos entre os amores (im)possíveis e a Morte inefável. As histórias podem acontecer com todo mundo ou com ninguém, mas é quase certo que no meio de algum conto, página, parágrafo ou linha talvez um ou outro leitor se identifique com o drama das personagens ficcionais que parecem ter saído um caderno de ocorrências e foram filtrados pelo talento de uma escritora que tem pleno domínio da construção de um texto literário.

Graficamente é um trabalho exemplar, uma obra de arte diagramada com extremo bom gosto. Um livro para ser lido, guardado, compartilhado ou ofertado em forma de presente até mesmo para quem pensa que não gosta de ler. Eis uma ótima oportunidade de fazer alguém sair de sua zona de conforto.

(Imagens colhidas das redes sociais de Lindevania Martins)

JOSÉ NERES, professor, escritor e membro da Academia Maranhense de Letras e da Sobrames

OS SUAVES TONS JOAQUIM GOMES

Todos nós temos um caminho a percorrer e, independente do que fazemos, de nossas escolhas, a vida nos dar o que ela tem de melhor. Cada um tem sua própria história para contar, e com isso somos o reflexo do que fazemos, por onde passamos e o que deixamos de legado para esta e para as futuras gerações.

O anonimato só pertence àqueles que passam despercebidos, não é o caso do professor Joaquim, como muitos o chamam e que carrega nos ombros uma bagagem bem pesada e perceptível por centenas de pessoas que conquistou, com sua voz mansa e calma com o trato das palavras, construindo, assim, histórias por onde passa. Dono de um conhecimento de gigante, Joaquim carrega consigo a calmaria e o suave doce da voz, que perpetua em suas salas de aula durante mais de duas décadas, seja no ensino público ou privado, médio ou superior.

Joaquim de Oliveira Gomes, natural de Viana, na baixada maranhense, é graduado em Letras pela Universidade Federal do Maranhão, Mestre em Teoria Literária pela Universidade Estadual Paulista de São José do Rio Preto - SP, é professor universitário e do Ensino Médio, é escritor e Membro fundador da Academia Vianense de Letras, ocupando a cadeira de número 05.

O Professor Joaquim participou de centenas de bancas de monografias, atualmente é membro do Núcleo de Acessibilidade. Inclusão e Direitos Humanos – NAID, é também membro do Conselho Editorial da qual faz parte do corpo docente

Joaquim Gomes fez uma viagem fantástica na Literatura Infantil, com as obras O jabuti que falava inglês, de 2008. Nessa obra, o autor reporta a sua infância, onde os personagens adultos são seus próprios pais, pois nesse livro o autor faz com que os leitores de todas as idades possam reviver suas próprias histórias. Em seu outro livro, O jabuti internauta, a temática que vem à tona é a necessidade da comunicação e inter-relacionamento entre as pessoas, além da necessidade de conhecer ferramentas tecnológicas, temas tão corriqueiros, não só para as crianças, como também para os adultos, pois, como bem prefaciou o escritor José Neres sobre a obra, "Ele sabe que todos nós vivemos em um mundo que exige comunicação constante..."

Tendo o dom da oratória, Joaquim, vez ou outra também se disponibiliza a falar ao público em geral sobre a importância da comunicação, da leitura e da produção de textos, oferecendo a seus ouvintes a possibilidades de criar e recriar contextos,

E com toda calma e tranquilidade se chega aonde se quer, ou onde se pretende ir. Assim é a vida deste vianense, professor, escritor e acadêmico, que com todo seu carisma e suavidade na voz, está entre os nomes mais conceituados nos pilares da docência e das letras em nosso estado.

Artigo de LINDA BARROS - professora, escritora, atriz, membro da AJEB e autora da coluna Maranhenses, do Jornal do Maranhão, onde este artigo foi publicado originalmente

Galeria de Talentos Vivos

Nesta seção, serão destacados alguns dos talentos de nossas artes, com destaque, neste número para a literatura. .

a ideia é eternizar estes momentos e estas pessoas tão importantes para nossa cultura. Todas as imagens foram retiradas das páginas pessoais das redes sociais do homenageados ou de pessoas que postaram tais homenagens.

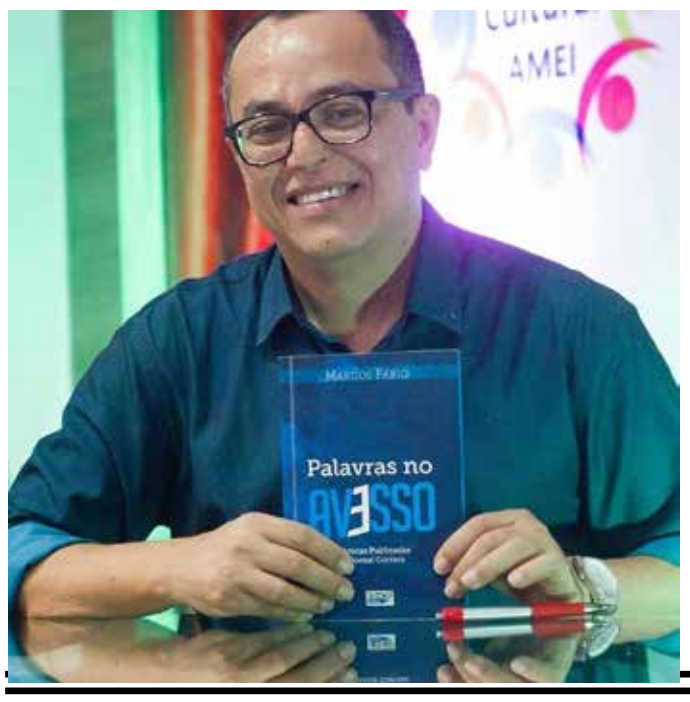
Com o tempo a galeria ficará mais rica.

O escritor Alexandre Maia Lago recepcionando o romancista Cristóvão Tezza na Feira do Livro de São Luís

Talento em dose tripla: Luis Augusto Cassas, Lenita Estrela de Sá e Antônio Ailton.

Anna Liz Ribeiro, Linda Barros e Dilercy Aragao Adler, durante a posse das novas integrantes da Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil - AJEB/MA

O talentoso poeta e ator Dyl Pires



O professor, jornalistam, escritor e acadêmico Marcos Fábio Belo Matos no lançamento de seu livro de crônicas

Bioque Mesito, Carvalho Junior, Sharlene Serra, Salgado Maranhão, Antônio Ailton, Irandi Leite e Roberto Franklin - poesia bem representada nesse grupo

Acesse e ouça a radio web da Academia Maranhense de Letras
www.radioacademiamaranhensedeletras.com